

COTIDIANO



Cotidiano

MARIANA TRAVACIO

*Tradução de
Bruno Ribeiro*



© Editora Moinhos, 2019.
© Mariana Travacio

Edição:
Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:
Sérgio Ricardo

Revisão, Diagramação e Projeto Gráfico:
LiteraturaBr Editorial

Capa:
Sérgio Ricardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos
editoramoinhos.com.br
contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

Semana Santa	9
Trajatórias	15
Manuela	19
Bleu, blanc, rouge	25
Ninguém ali	55
Matem os pombinhos	58
Fendas	63
O último diário de ofelia ortiz	71
Caminhada	100



*Eu faço isso em uma ausência hostil enquanto
cada antigo, pétreo minuto da estação do amor
aporta na minha língua ancorada.*

Dylan Thomas.



Semana Santa

Era Semana Santa. Vamos fazer alguma coisa, ele disse, e aceitei. Devia ter dito não, pois nunca gostei do interior.

Na verdade, há cidades interioranas que eu gosto: as que não têm pretensões, as que vivem de portas fechadas, como se o exterior não importasse ou como se o tempo não existisse.

Não gosto das interioranas que querem ser cidade grande: as que assumem suas formas de arranha-céus, contendo aquilo que corrompe ou que nunca descansa; daquelas que aprisionam. Esta cidade interiorana que vamos é assim: tem dois ou três arranha-céus que vigiam as casas menores, que nunca serão nada: as pessoas começam a devanear entre o que isso era e isso que será. Neste tipo de lugar, as pessoas andam como se estivessem embriagadas: dão falsas festas, de puro alarido, sem destino. Os arranha-céus não trazem nada consigo, ainda que eles não saibam e os festejem em suas vigílias sem fim, como se quisessem presenciar esse futuro que vem desenterrar com seus resplendores a opacidade segura dos destinos agora perdidos, porque eles já não têm mais nome, são apenas despojos, sem identidade; restos que se derrubam por conta própria, debilitados entre esse passado de pouca coisa e este presente de puro nada.

Saímos tarde de casa, apressados, porque não queríamos chegar à noite. Devia ter dito: melhor ficarmos, está tarde. Mas não falei nada.

Chegamos de noite e ficamos em um quarto úmido e caro, e ninguém nos esperava. Dormimos respirando o odor rançoso dos lugares abandonados. Devia ter dito: vamos buscar outro hotel, ainda

que estejamos cansados. Mas me contive com o silêncio. Suponho que vinha me comportando como um cachorro adestrado.

Ontem a noite.

Pedro queria ir a La Aldaba, alguém o recomendou quando passeávamos pelo porto. Eu disse que não queria, que seguramente era um lugar espantoso. Na verdade, não poderia saber disso, mas tudo indicava que seria: a rua se estreitava à medida que avançávamos, a luz maçante esmagando os caminhos com lixos espalhados, bêbados na esquina, empurrando-se, ruídos de vidros quebrados contra os paralelepípedos mais ou menos asfaltados e apenas a lua prevendo o nosso caminho.

E ele, como se nada estivesse acontecendo:

– Vamos, tomamos umas cervejas e voltamos.

E eu:

– Está escuro, Pedro. É sério?

E Pedro:

– Sim, querida, fica tranquila, me disseram que lá é ótimo.

Eu caminhava atrás dele, para que não visse meu desalento, mas continuava o seguindo, para não discutir, por hábito, ou porque sei lá.

Devia ter dito que não queria, que não víssemos para essa cidadezinha que não é mais uma cidadezinha. Mas nada. Só concordei, ou consenti, como se estivesse contente, ainda que não estivesse.

Eu disse:

– Vamos voltar, está escuro, há bêbados no meio da rua.

E ele:

– Você tá doida, tem nenhum bêbado aqui, só gente da cidade.

E eu, em minhas entranhas: isso não é uma cidadezinha, tá apodrecendo, aqui não tem gente do interior, sabia disso, mas fiquei muda para não discutir.

Entramos. La Aldaba. Ele eufórico. Eu atrás. Eram oito ou dez mesas de madeira. E umas cadeiras, também de madeira. Cheirava a cigarro e a álcool. A música conseguia omitir as vozes. Depois vinha a cortina. Verde, como de algodão, ou de veludo drapeado; verde azeitona. E umas mesas de sinuca: umas cinco ou seis, todas ocupadas, e uns ventiladores pendurados no teto que, moviam devagar a fumaça densa, que oferecia certa resistência, entre o cheiro de álcool barato e as risadas falsas, fortes, insuportáveis, que se misturavam com a música e com algum grito de alegria ou de rancor, que saía das mesas de sinuca. E outra cortina, roxa, pesada, que separava a sinuca das mesas de pôquer.

E Pedro:

– Pode jogar?

E o homem:

– São 100 pesos para entrar e a ficha custa cinco.

E Pedro:

– Perfeito.

E eu, pensando:

– Vai se meter em problemas de novo.

E dizendo:

– É sério?

E Pedro:

– Sim, querida, fica tranquila, hoje é a minha noite de sorte.

E eu, odiando-me, juntando coragem:

– E eu faço o quê?

E Pedro, como se se importasse:

– Toma alguma coisa, não demoro.

Ainda o vejo me dando tchau e sentando. Ele coloca o dinheiro na mesa: entregam as fichas a ele. Enquanto volto para a cortina roxa, que dá para a sinuca, me viro só para ver se ele me nota, mas não o faz: já está com eles. Sigo até a primeira sinuca:

os homens jogavam. Não havia mulheres. Sentei no balcão e pedi uma cerveja. Fiquei olhando por um tempo: as sinucas, esses homens, os ruídos, a fumaça; senti-me observada. Perguntei ao garçom se podia sentar numa mesa com a minha cerveja, longe da sinuca, longe do pôquer. Ele disse que, estritamente, não poderia me deixar ir. Mas levantou um olho e cabeceou: que sim, que passe pela cortina e vá até lá. Fez um sinal para alguém: entendi que diziam a ele que meu marido jogava pôquer, que eu estava entediada, mas pode ter sido outra coisa: seja como for, peguei minha cerveja e cruzei a cortina, busquei uma mesa que me amparasse, que fosse menos sórdida, ainda que todas fossem similares. Sentei-me em uma que dava para a varanda, Pedro não teria gostado dessa mesa, mas eu não suportava olhar para dentro: preferi cravar meu olhar nos paralelepípedos mal asphaltados, nas motos estacionadas na porta e no silêncio, porque já não havia mais nada lá fora. Tudo era pra dentro. Lá fora só tinha noite.

Devo ter ficado meia hora com minha cerveja, reprovando os paralelepípedos, censurando as motos, condenando-me, até que entraram duas mulheres, ébrias, calças pretas, a gargalhadas, blusinhas de cetim, gritando, saltos agulha, lábios carmim, e sentaram-se à mesa de trás, pediram uísque e seguiram gargalhando, perfumadas, enquanto eu as escutava sem entender bem o que falavam, então chegou esse homem, com regata branca, mal barbeado, e se sentou com elas. Tinha algo nele, suponho, porque virei o meu corpo e o olhei e ele me olhou; terminou de cumprimentá-las e voltou-se a minha mesa. Creio que foi seu sorriso. Ou sua regata. Ou sua barba de anteontem. Algo disso, porque me pediu licença e não pude dizer não a ele. Convidou-me a tomar uma cerveja ou o que eu quisesse: sentou-se comigo. E não foi a cerveja, nem o licor. Mas foi algo: algo que eu disse ou que ele perguntou.

O chamavam de Zeus. Assim se apresentou, enquanto as mulheres seguiam perfumadas, na mesa de trás, mas menos estrondosas, ou mais silenciosas, acaso surpreendidas, tratando de escutar.

Mas Zeus sentou-se ao meu lado, de costas para elas, e me sussurrava e duvido que elas escutassem algo. Talvez sentiram ciúmes, não sei.

Passou uma hora, talvez duas. Um longo tempo, porque Zeus me perguntava sobre as coisas que eu gostava, por minha vida. E eu falava. Talvez a cerveja. Ou o licor. Eu falava, entre sussurros, e ele me escutava como se fosse só um ouvido.

Não sei o que foi: talvez a noite, ou os paralelepípedos que refletiam um pouco da lua, ou as motos também. Ou Zeus, que seguia me escutando. E que falta me fazia, porque comecei a falar. E lhe disse: que eu odiava ele, que estava do outro lado jogando pôquer, e que era minha culpa, porque nunca dizia nada, por medo, por hábito ou para não discutir.

Não sei se foi o uísque ou se já estava de saco cheio das regatas ou dos lábios de carmim.

Sei que foi ontem a noite: Pedro afastou a cortina verde quando Zeus me beijava e eu não podia dizer não.



Trajetórias

7h30: Saboreia, devagar, o café enquanto sua mulher pergunta de que horas ele volta, e escuta, vagamente, que seu filho está reclamando, pois não quer ir ao jardim. Responde, meio sonolento, que volta às sete, caso Ortiz não se atrase. Ele para pra dar um beijo em sua esposa, na boca, enquanto olha o relógio e balbucia que já está na hora. Se despede dela, te ligo mais tarde, amor, enquanto ela dá um beijo em Felipe, e um abraço, e deseja o melhor para ele, hoje, no jardim.

7h30: O empurram, por trás, recebe duas cotoveladas, levanta o queixo e o fazem descer, a bordoadas, do trem. Sai, junto da manada, passinhos curtos, até a plataforma. Recobra o equilíbrio e acelera durante dozes quadras até a obra. Hoje eles precisam terminar, sem falta, o piso 11. São vinte caixas de pisos grandes, e promete que hoje, ainda que precisem ficar, concluirão isso.

7h38: Ele coloca Felipe no assento do carro, e tenta apertar o seu cinto de segurança, enquanto escuta ele reclamando, um pouco, não muito, em uma coreografia cotidiana que você já memorizou. Então promete que de noite vai trazer um doce para ele, e ele te deixa, com esse sorrisinho, apertar o cinto. Entra no carro e acelera, apressado, rumo ao jardim.

7h38: O gordo Ramírez entra na obra, ele o cumprimenta e te segura por um tempo: pergunta, zombando, se de noite Leticia o tratou bem. Você não responde. Apressa o passo, rumo ao piso 11, enquanto escuta, pelas costas, o riso do gordo Ramírez que se amortiza, nos ouvidos dele, à medida que se distancia. Ele sobe, acelerado, a tomar esse café, que sempre toma, antes de começar.

7h55: Ele se lembra da reunião de hoje, com Ortiz, e repassa de memória os argumentos que rabiscou na noite anterior, porque quer, a todo custo, que ele assine esse crédito; ele pensa que tudo pode sair bem, e isso arranca um sorriso dele, que o desperta do letargo, e o permite frear, justo a tempo, de evitar cair em um buraco que está sobre o asfalto.

7h55: É a vez dele trabalhar com Juancho. Mostram as caixas de azulejos e a amoladora para ele. Dizem para começar pela esquerda, fazendo, de forma organizada, o tabuleiro de damas. Um piso branco, um negro. Os pisos são grandes, explica o capataz, mas já não temos mais tempo para trocá-los. Vamos cortá-los. São de quarenta por quarenta, nós o queremos de trinta, e ele escuta as instruções, distraído, enquanto se perde na boca de Leticia e em seus olhos negros e em suas pernas de ontem, jurando que ela vai ficar com ele.

8h01: Ele chega na barreira de Pampa, como sempre chega, enquanto aumenta o volume do som, porque Felipe gosta dessa música. Cantam juntos o refrão, porque Felipe gosta quando cantam com ele. Depois a barreira se levanta e um carro acelera bruscamente ao lado dele, enquanto ele guarda a raiva, e a garoa segue, fininha, sobre o asfalto.

8h01: Ele fica contra a janela para cortar os pisos, como pediu Juancho, e está trabalhando pesado nisso, medindo, pegando o amolador, cortando, enquanto volta a se perder na voz de Leticia, sussurrando que vai largar Tano, e prometendo que se vai com ele, tantos anos esperando e agora tá pra dar certo, e ele deixa escapar um sorriso, enquanto corta pisos e os entrega a Juancho, para que comece a colar.

8h06: Ele cruza o bosque e vê, pela janela, muita gente saindo para caminhar, apesar da chuva. Se pergunta o que os motiva a sair em um dia como esse, para se molhar, e percebe que ele, na realidade, nunca faria isso. Observa seu filho, pelo espelho

retrovisor, e percebe que ele também os observa. Ele fica curioso com essa coincidência e pergunta: Feli, tá olhando o quê? O filho responde: essas pombas. Ele as busca, pelo espelhinho, mas elas já não estão mais lá.

8h06: Juancho se apressa e ele percebe que está em câmera-lenta, distraíndo-se com Leticia, justo hoje, que necessitam terminar esse piso. Ele promete a Juancho que vai trabalhar mais rápido. As suas costas doem, todo agachado desse jeito, e decide trabalhar de pé. Vai buscar uma prancha e dois cavaletes, e pede para que Juancho o ajude. Ele fica na varanda, cortando os pisos na vertical.

8h10: Ele está perto de chegar, mas a fila de carros não se move, não o deixa avançar. Chegarão tarde, como sempre, e se pergunta quando terminará essa obra, com esses caminhões que não param de sair e entrar, todas as manhãs, bem nessa quadra que ele precisa que esteja livre para que seu filho não chegue tarde na escola.

8h10: Ele fica feliz, trabalha mais fácil assim, apoiando os pisos na prancha e com o amolador na varanda, trabalha até mais rápido, e não se importa com a garoa, ainda que se molhe um pouco, porque dói menos as costas, e porque, de qualquer forma, está feliz hoje: sente prazer de ter ganho a garota de Tano; ele ganhou, ainda que ninguém acredite, mas Leticia agora é dele.

8h12: O Peugeot que está na frente dele acelera. Deixando, repentinamente, trinta metros livres, e ele aproveita para acelerar, também, por medo que um caminhão saia da obra e o feche na estrada de novo e o atrase ainda mais. Ele põe a primeira, avança até onde dá, tudo junto, e escuta um estrondo, como uma bomba, lá atrás. Freia, assustado, e vira a cabeça, querendo entender o que aconteceu. Vê a janela traseira detonada, mil pedaços que brilham, a contraluz, com a garoa persistente, que

agora se mescla, de pouco a pouco, com todo o sangue, que se derrama, imparável, sobre o estofado.

8h12: Ele vê o cabo do amolador se molhar na varanda, e acha melhor trabalhar lá dentro. Pede ajuda para Juancho, aos gritos, mas Juancho não o escuta. Entra e percebe que ele não está lá. Então levanta a prancha, sozinho, a carrega pelo ombro, e quando gira para entrar, a ponta da prancha pega na amoladora, que começa a cair da varanda, desde o piso 11, rumo à rua. Ele solta a prancha e ainda consegue ver o cabo, dançando pelo ar, consegue pegá-lo, mas está molhado e desliza. Ele olha para a rua, vê essa mancha, que cai, como uma pipa invertida em direção a esse carro que avança, e ainda que queira evitar ele vê, também, como a amoladora entra, em cheio, na janela traseira.

Manuela

*E qualquer desatenção, faça não
Pode ser a gota d'água.
Chico Buarque*

Que Manuela era irritável sempre soubemos, mas percebemos que ela estava mais feliz depois do casamento com Fermín.

No começo, a visitávamos normalmente; digamos, uma vez por semana. Às vezes nos domingos, porque ela nos convidava para almoçar ou em algum sábado que íamos de improviso, porque nos sentíamos no direito de fazê-lo. Até que fomos em um sábado, lá pra meio-dia e Fermín abriu a porta, de short, barbudo, com cara de poucos amigos: o que tão fazendo aqui?, disse, e isso apagou nossos sorrisos de meio-dia e ficamos perplexos observando-o, sem saber muito bem o que responder. Mamãe foi quem falou primeiro, lembro perfeitamente; disse: passamos pra dar um oi. Fermín pediu desculpas. Não lembro suas palavras, mas foi algo como: agora não podemos atendê-los. E fechou a porta. Mamãe subiu no carro chorando, que a filha estava ali dentro e que esse desgraçado não nos permitia vê-la. Mas mamãe era do tipo que fazia tempestade em copo d'água, assim que tratamos de consolá-la, de minimizar o que havia passado, que seguramente chegamos em um mal momento, que todo casal tem seus dias, que não se preocupasse, etc. Esse dia almoçamos em silêncio, mamãe tragando as lágrimas até que, às quatro da tarde, lhe deu um ataque e ela começou a ligar para a casa da minha irmã em intervalos regulares: cada cinco minutos. Quando atendia Fermín, desligava. E como sempre atendia

Fermín, desligava sempre. Não tenho ideia de quantas ligações fez, mas recordo que em um momento ela arremessou o telefone no chão: ninguém mais atendia. E em seguida disse ao papai: vamos, Pedro, vamos na casa da Manuela, tá acontecendo alguma coisa. E papai: fica tranquila, Leonor, devem ter discutido, é normal, vamos esperar até amanhã. A parcimônia de papai e a angústia de mamãe me confundiam: em alguns momentos estava seguro de que papai tinha razão e por momentos estava preocupado com Manuela, perguntando se não convinha fazer algo.

No dia seguinte, mamãe ligou várias vezes e, como ninguém atendia, convenceu papai a ir até a casa de Manuela. Eles foram. Segundo contam, ninguém abriu a porta. Para variar, papai estava convencido de que haviam saído; já mamãe tinha certeza que eles estavam e não queriam abrir. Eu me mantive na margem, mas o certo é que lá para as cinco o ar estava irrespirável. Mamãe perfurava o cérebro de papai, que vamos à delegacia, que com certeza saíram, que não se pode invadir a casa dos outros assim, que Manuela iria ligar e, como se fosse um profeta, quando disse isso, Manuela ligou. Que estava tudo bem, que haviam ido visitar a família de Fermín, que sábado Fermín estava de mal humor porque haviam ido a uma festa, que foram dormir muito tarde, etc.

Desde esse episódio, não houve mais visitas de imprevisto aos sábados, o que gerou muitas discussões entre papai e mamãe; papai dizia que estava tranquilo assim, que não podia ir de supetão na casa alheia, e mamãe dizia que era sua filha e que tinha o direito de visitá-la quantas vezes quisesse e que nenhum Fermín iria impedir. Mas a impediu, porque mamãe foi dois ou três sábados mais, e ninguém abriu a porta. Ou talvez não estivessem, ou queriam pôr um limite.

Com o tempo, os convites para irem ao domingo foram se convertendo em uma raridade. Quando íamos, muito de vez em

quando, mamãe dizia que Manuela estava contida: não vê como ela serve a mesa, como se fosse uma obrigação?, não vê o esforço de Fermín para nos fazer crer que está tudo bem?, eles não me enganam, isso é um teatro. Mamãe sempre exagerava, mas havia algo estranho, não sei dizer o quê, mas nos sentíamos incômodos, como se alguém colocasse em marcha um cronômetro quando nos sentávamos para comer e estivesse esperando com avidez nossa partida. Comecei a pensar um pouco como mamãe, mas me segurando para não contradizer papai. Minha irmã parecia um robô, os assuntos que conversávamos eram supérfluos, como essas conversas circunstanciais que se podem manter com um desconhecido. Sim, talvez fosse isso, uma certa familiaridade que estava se perdendo e que mamãe queria recuperar. Dizia: onde está minha filha. Dizia: perdi uma filha. E depois chorava. Nesse momento, papai já havia chamado o silêncio. Às vezes me dizia: sua mãe... E movia a cabeça da esquerda para direita. E isso era tudo. Como se condessasse neste gesto seu desacordo com mamãe e seu afã para mudarmos de assunto. E em parte funcionava assim, porque mamãe ficava falando sozinha e depois de um tempo chorava. Dizia: ninguém se importa. E depois vinha um silêncio incômodo e então começamos a respirar um ar contido em nossa casa também. O tema estava pregado no teto, na mesa de jantar, na porta de entrada, mas ninguém tocava nele. De vez em quando, mamãe grudava em mim e dizia que não podia ser ou me olhava como se eu fosse o que tinha sobrado de Manuela.

Mamãe tentou tomar um café com Manuela em várias ocasiões. Tinha certeza de que Manuela, a sós, confessaria o quão troglodita Fermín era. Ela poderia consolar sua filha e recuperá-la para sempre. Mas Manuela era refratária a essas intenções: que estava cheia de coisa, que não tinha tempo, etc. Outras vezes ficavam de se ver e mamãe passava a semana cantando,

alegre, a espera desse dia, mas era inevitável: pouco antes da saída, Manuela ligava para dizer que surgiu algo e cancelava o encontro. E assim passavam as semanas e os meses.

Teve um dia em que mamãe a ameaçou, nunca soubermos o que disse exatamente, mas andava pela casa indignada: já vai me escutar, se não vai sair comigo meterei um processo nesse bandido. Bem, terminou que o café se concretizou. E mamãe voltou chorando, pior do que nunca, que agora sim tinha certeza de que Fermín era um monstro, que a havia perdido para sempre, que esse troglodita havia chupado a alma dela, assim disse, e me surpreendeu porque nunca havia escutado mamãe dizer algo assim: chupou sua alma. Quando nos sentamos para comer, mamãe tinha as pálpebras inchadas e chorava como se estivesse tendo um soluço pequenino e repetitivo. Papai estava prestes a explodir, e explodiu: que chega, que já deu, que até quando ela vai ficar assim, que onde é que tá esse problema, que vai ficar louca, e etc. E mamãe: que não pode ser, que não é minha filha, que disse que com Fermín está tudo bem, que não é certo, que sou a mãe, que eu sei das coisas. Mas ao final, depois dessa discussão, mamãe mudou completamente. Deixou de falar de Manuela, deixou de ligar e deixou de chorar. Mamãe começou a dizer: querem teatro?, muito bem, vamos aos domingos, quando nos convidarem, comeremos o que nos servirem, sorriremos e falaremos de temas genéricos. Querem isso, então terão isso. Mamãe começou a dizer isso depois da discussão com papai.

E desde que mamãe mudou, quem começou a se preocupar foi papai. Mas como papai era de poucas palavras, não se notava muito. Eu sabia porque ele tinha me confessado: ei, agora que sua mãe não tá mais enchendo, vemos bem menos a Manuela, né?, quase não nos convidam, quanto tempo não a vemos?, seis meses?, que estranho, não?, mas não diga nada, vamos ver se sua mãe fica mal de novo, e etc.

Desde que papai me disse isso, comecei a me perguntar se eu, como irmão, ainda que nunca tivéssemos muito vínculo, não tinha que ligar para ela. Não me saía muita coisa, na verdade. Mas todo esse assunto estava complicando as coisas. Eu supunha que o casamento de Manuela me daria mais espaço. Mas não. Era como se ela ainda estivesse em casa. Inclusive mais do que antes. Agora ocupava todos os minutos e todo o ar. Afinal, liguei para ela. Me atendeu surpresa, como esperando que eu pedisse algo, e como não sabia o que dizer a ela, disse a primeira coisa que veio na minha cabeça: ei, Manuela, tenho algo pra te contar, quando podemos nos ver? Começamos a nos ver com frequência. A primeira vez que saímos inventei que estava passando por problemas em casa, com mamãe, que era muito metida e que não a suportava e etc. E Manuela compadeceu de mim, e me escutava atentamente, como que me compreendendo, assim que comecei a afundar na mentira, e dizer que mamãe se metia na minha vida tanto como se metia na dela, que fuçava nas minhas gavetas, calças, tudo, e que já não sabia como tirá-la de cima de mim. E não sei se isso contribuiu para que Manuela suspendesse todos os convites para a sua casa, mas o certo é que ela só saía comigo e isso me alegrava. Eu havia conseguido estar próximo de Manuela. Era uma conquista minha. E ela começou a contar um pouco da sua relação com Fermín. Bem, mais que contar, algumas coisas escapavam dela. Um dia disse: quando Fermín fica furioso. E arreganhou os olhos e soprou ar com a boca no formato de um U. Outro dia disse: hoje Fermín está irritado. Nunca me esclareceu quais coisas enfureciam Fermín ou que coisas o irritavam, mas uma vez percebi que Fermín a deixava nervosa, ou tive essa impressão, porque estávamos no bar de sempre e ele ligou pra ela. Enquanto falavam, Manuela começou a torcer um guardanapo. No final da conversa, ele estava em pedaços. Depois desligou e, como se eu não existisse,

chamou o garçom e pagou. Quase foi embora sem se despedir. Já estava de pé, guardando o troco apressada, quando me disse: agora não posso ficar, continuamos em outro momento.

E isso foi tudo, até que ligamos a televisão e vimos Manuela nas notícias: saiu de casa como se fosse uma devota do Islã. Caminhava encurvada. Levava algo na cabeça, como um véu, que cobria seus olhos e as costas. Dois homens a colocaram em um carro. Eram nove da noite e na calçada havia uma grande quantidade de curiosos.

No começo, parecia que Fermín ia ficar paralítico. Nessa época, mamãe estava muito conformada. Dizia: ele merece. Dizia: viu que eu tinha razão? Dizia: eu sabia. Mas quando Fermín morreu, ela mudou suas expressões e as coisas ficaram ruins. Agora os advogados tratam de acalmar mamãe e falam de violenta emoção. Papai segue falando pouco, mas está mais amargurado. Mamãe o observa com cara de reprovação. E às vezes de ódio. Então papai arreganha os olhos, coloca a boca em U e sopra um longo ar.